



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022  
ISSN 2177-3866

## **TRABALHO SUJO E GESTÃO DE RISCOS: A HISTÓRIA DE VIDA DE UM GAROTO DE PROGRAMA**

**LORENÇO RODRIGUES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

**MARIA BEATRIZ RODRIGUES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

# **TRABALHO SUJO E GESTÃO DE RISCOS: A HISTÓRIA DE VIDA DE UM GAROTO DE PROGRAMA**

## **1. INTRODUÇÃO**

A prostituição é uma ocupação presente em registros oficiais e bíblicos há séculos. Estima-se que cerca de 40 milhões de pessoas no mundo a exerçam, sendo as mulheres 75% deste contingente, a maioria entre os 13 e os 25 anos. Muitas delas, 75 mil brasileiros e brasileiras, trabalham no exterior, a maioria de forma clandestina (MEIHY, 2015). A prostituição masculina é praticada no Brasil há alguns séculos (TREVISAN, 2018; GREEN, 2019), e ainda são poucos os estudos que abordam sua prática por homens (PERLONGHER, 1987; SANTOS, 2021).

A prostituição masculina envolve uma acurada organização do trabalho, pois é densa na administração de rituais próprios do ofício – como a manipulação de anabolizantes, estimulantes sexuais, psicotrópicos, controle de infecções sexualmente transmissíveis (IST), entre outras substâncias e práticas que exigem a gestão de risco – de forma que o desempenho do profissional possa ser reconhecido e valorizado no mercado sexual. O garoto de programa<sup>1</sup> desta pesquisa, que trabalha exclusivamente com homens, é um exemplo de como as exigências de corpo e de comportamento são cruciais para a aprovação do profissional no mercado do sexo.

Este estudo se propõe a pensar a prostituição como carreira existente, mas invisível aos olhos da sociedade, ainda que milhões de indivíduos trabalhem com sexo e muitos outros o consumam ao redor do mundo. Busca-se realizar uma pesquisa útil, oportuna e relevante à academia e à comunidade (ALVESSON; SANDBERG, 2013), dessa forma, sendo uma ocupação negligenciada pelo Estado e pela sociedade, o presente trabalho tem entre os seus objetivos apresentar a realidade do mercado do sexo, para contribuir com a formulação de políticas públicas que deem atenção aos trabalhadores sexuais. Além disso, busca compreender as masculinidades e o sentido dos corpos na prostituição masculina, do mesmo modo, de que maneira as relações sociais designam a prostituição como trabalho sujo.

Além desta introdução, o presente estudo está dividido em uma seção de fundamentação teórica, onde são discutidos os conceitos de corpolatria, masculinidade e virilidade na prostituição, assim como os conceitos de trabalho sujo e gestão de riscos. Apresentamos os procedimentos metodológicos em uma breve seção, seguida de outra de análise e discussão da história de vida de Narciso.

## **2. CORPOLATRIA, MASCULINIDADE E VIRILIDADE NA PROSTITUIÇÃO MASCULINA**

O perfil de garoto de programa, ou o corpo mais desejado pelos clientes, é o que expressa masculinidade e virilidade. Segundo Santos (2021), profissionais com músculos salientes, também chamados de “sarados”, sem pelos e com o pênis grande são valorizados pelo maior número de clientes. Não existe preferência por homens brancos ou negros pelo público consumidor, mesmo sendo do imaginário popular que o homem negro tenha o órgão genital avantajado (PERLONGHER, 1987).

O conceito de corpolatria é aplicado ao culto do corpo, da beleza e da perfeição. O corpo é um objeto simbólico, a partir do qual são transmitidas inúmeras mensagens, relacionadas à saúde, prestígio, força, segurança e poder (GOLDENBERG, 2015). É a principal ferramenta de trabalho dos trabalhadores sexuais e a busca por um corpo

desejado, consumível, torna-se o objetivo desses sujeitos (LE BRETON, 2006; FRUGOLI, 2007; LE BRETON, 2013). A maior parte dos clientes dos garotos de programa está à procura de corpos perfeitos e definidos, músculos avantajados, sem sinal de defeitos ou deficiências (SANTOS, 2021). Além disso, os profissionais devem performar a masculinidade hegemônica, ou seja, marcada pela virilidade.

Da mesma forma que se discute hegemonia na sociedade, para as diferentes submissões de classes e grupos a outras classes e grupos, aplica-se o mesmo conceito a gênero e sexualidade (GRAMSCI, 1971; BAYDOUN, 2020). A masculinidade hegemônica dita o modo como homens devem se comportar em sociedade, é o conjunto de traços e características que delimitam o que e quem pertence ao espaço masculino e ao espaço feminino. A masculinidade hegemônica compreende o “ser homem” e permite perpetuar a superioridade masculina na sociedade ocidental (DA MATTA, 1997; ECCEL; ALCADIPANI, 2012; ECCEL; SARAIVA; CARRIERI, 2015). As masculinidades hegemônicas são construções sociais que variam ao longo do tempo, cultura e sociedade (CONNELL; MESSERSCHIDT, 2013).

A virilidade está relacionada ao homem jovem, com boas condições de saúde, sexualmente ativo, que performa comportamentos agressivos, que expõe poucos sentimentos, com características que remetem à bravura e à coragem (MACHADO, 1998). O homem viril deve se afastar de qualquer traço feminino, para que a sua reputação não seja posta sob suspeita, entre os demais membros da sociedade (CERQUEIRA, 2012). Nas sociedades ocidentais, o feminino é considerado inferior e sinônimo de fragilidade (MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2020). A cultura machista e patriarcal determina que, para garantir o crédito social, os homens devem se afastar de qualquer atributo dito feminino, que possa comprometer sua masculinidade e virilidade (COLETTI, 2014; NONATO, 2020).

## 2.1 Trabalho Sujo

O trabalho possui centralidade na vida social e psíquica das pessoas. Para Gernet e Dejours (2011), é “um conjunto complexo de relações entabuladas entre o sujeito e aqueles com e para quem ele trabalha, a fim de coordenar as inteligências singulares” (p. 63). Etimologicamente, a palavra trabalho vem do latim *tripalium*, instrumento de tortura, que está relacionado ao verbo, também do latim, *tripaliare*, que significa um instrumento de tortura (ALBORNOZ, 2014). De acordo com Viegas (1989), durante o século XII, a palavra *tripalium* significava “precisamente tormento, sofrimento” (s/p). O trabalho é fonte de prazer e sofrimento, contudo, em determinadas situações o sofrimento prevalece, gerando adoecimento, e até suicídio (DEJOURS, 1996).

O conceito de trabalho sujo se refere a trabalhos degradantes ou repugnantes (HUGHES, 1958), a ocupações entendidas socialmente como desagradáveis, apesar de essenciais (ADAMS, 2012). Alguns exemplos: coveiros, trabalhadores da limpeza urbana e hospitalar, advogados criminalistas, médicos legistas, agentes penitenciários, policiais militares e profissionais do sexo (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013; MONTEIRO *et al.*, 2017; PEREIRA *et al.*, 2020; CERQUEIRA; MISOCZKY, 2021). Embora os profissionais que desempenham atividades sujas sejam reconhecidos como necessários, eles são excluídos e estigmatizados pela sociedade (LHUILIER, 2009). Cabe destacar também que o termo “trabalho sujo” é carregado de conotação negativa.

O trabalho sujo é fonte de problemas de saúde física e mental, pois o desgaste e o risco iminente de alguns ofícios podem causar acidentes e tensão no trabalhador. O fator de pressão psicológica com que tais trabalhadores convivem, a exclusão, o sofrimento físico e emocional são produtores de adoecimento no indivíduo (BENDASSOLLI;

FALCÃO, 2013). A atividade laboral é considerada suja em decorrência do grupo social a que se serve, ou ser moralmente desqualificada pelo coletivo, por ter sua importância questionada ou entendida como pecaminosa (PEREIRA; PAIVA; IRIGARAY, 2021), a exemplo da prostituição e atividades sexuais em geral.

## 2.2 Gestão de Risco

A gestão de risco é uma estrutura que busca controlar eventuais adversidades que possam prejudicar a organização do trabalho, ou o “processo por meio do qual as diversas exposições ao risco são identificadas, mensuradas e controladas” (BRITO, 2003, p. 15). Diz respeito a estruturas que procuram evitar danos e que permitam assegurar o desenvolvimento das atividades de uma organização (COETZEE; LUBBE, 2011), assim como é a capacidade de tomar decisões assertivas que busquem melhorar os resultados e minimizar as incertezas (HILL; DINSDALE, 2003).

A gestão de risco é um conjunto de práticas aplicáveis às organizações, à sociedade ou ao meio ambiente. Políticas de saúde pública, de proteção ambiental e de cuidado à vida são exemplos de atividades do Estado que, de algum modo, visam gerenciar os riscos (SPINK, 2014). Tais políticas buscam mapear, identificar, analisar, avaliar e priorizar os grupos considerados de risco, além de monitorá-los com o propósito de deter eventuais danos ao sujeito, ao coletivo ou às organizações. Os indivíduos também criam as suas próprias formas de contingenciamento de possíveis danos que possam sofrer, desenvolvendo modelos peculiares de gestão de risco (DE LUIZ; SPINK, 2013; BARRETO, 2017a).

A superação de desafios pelos sujeitos está relacionada à gestão de riscos, ao desenvolvimento de táticas que possibilitem o aperfeiçoamento de habilidades e ao acesso a informações que auxiliem nesse enfrentamento (SARAIVA, 2013). Para Moreira *et al.* (2018), a classe social, a idade, o gênero e a etnia são determinantes para compreender o modo como os indivíduos lidam com o risco e como ele é exercido. Sexualmente, a maneira de gerenciá-lo varia, pois cada pessoa trata a exposição a infecções a partir do meio em que vive e o conhecimento desenvolvido, além de serem diversificados os métodos de preveni-lo (LEITE; MURRAY; LENZ, 2015).

No que tange à prostituição masculina, a gestão de risco se faz necessária na organização do ofício, não somente nas diferentes formas de ato sexual (DE LUIZ, 2011), como também quando faz uso de psicotrópicos a pedido dos clientes, anabolizantes e automedicação, sem o acompanhamento de profissionais habilitados (SANTOS, 2021).

## 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa exploratória foi realizada por meio do recolhimento da história de vida de um garoto de programa de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. A história de vida é usualmente utilizada em estudos sobre gênero e sexualidade, permitindo que pessoas invisibilizadas socialmente possam compartilhar suas experiências (CORRÊA, 2012). O enfoque possibilita que histórias, crenças, relações, opiniões e percepções sejam interpretadas pelos sujeitos participantes, além de dar espaço aos seus sentimentos e sensações. A abordagem qualitativa permite examinar cuidadosamente os comportamentos humanos e os significados que os indivíduos atribuem à realidade. O trabalho do pesquisador é o de investigar o contexto ao qual os sujeitos pertencem, analisando os significados que estes imputam a suas ações, como também narrar e ecoar as suas relações e atitudes (BAPTISTA, 1999).

O método de história de vida permite, ao mesmo tempo, compreender as subjetividades dos indivíduos pesquisados e refletir sobre o contexto sócio-histórico em que estão inseridos (GRANATO; LOPES; COSTA, 2020). A investigação social cruza trajetórias e impactos sofridos durante a vida (MAGESTE; LOPES, 2007). Para o investigador, é uma oportunidade singular para ouvir o indivíduo pesquisado, e para o indivíduo é um momento para ser ouvido, permitindo-lhe também conhecer a si próprio. Glat (1989) concorda que o método “tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de ‘dono do saber’ e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida” (p. 30). Identidade e autoconhecimento estão na base da construção do sujeito sócio-histórico, ou seja, o entrelaçamento entre identidade, família e classe social (CARRIERI; LOPES, 2012; GAULEJAC, 2016). De acordo com Barros e Lopes (2014), a história de vida vai além das histórias oficiais, uma vez que ajudam a entender como as histórias individuais e coletivas se articulam.

O método de história de vida permite que o andamento seja realizado pelo pesquisado, narrando os fatos que marcaram a sua trajetória de vida, analisando a relevância destes no passado e entendendo a interferência no presente (SANTOS; GLAT, 1999; GODOY, 2018). A história de vida é um meio político e emancipatório, a qual dá visibilidade àqueles que são esquecidos. Embora seja particular a cada sujeito, ela também pode ser compartilhada por muitos indivíduos que pertencem a realidades semelhantes.

Para encontrar o sujeito desta pesquisa, foi necessário entrar no *site* de buscas *Google*, inserindo no campo de pesquisa “garoto de programa Porto Alegre” e foi relacionado uma série de *sites*. Como forma de seleção, decidiu-se acessar a primeira sugestão. Fez-se contato com os três primeiros garotos de programa sugeridos pelo *site*, o primeiro recusou-se a participar da pesquisa, o segundo informou que participaria mediante o pagamento do valor de um programa. Por fim, o terceiro garoto de programa indicado pelo *site* aceitou colaborar com o estudo, contando sua história de vida e profissional. Foram realizados dois encontros, ambos no local onde o profissional realiza os atendimentos. O primeiro teve duração de duas horas e o segundo de uma hora e meia, entre os meses de maio e junho de 2021. O indivíduo desta pesquisa será identificado como Narciso, personagem da mitologia grega, conhecido por sua beleza, vaidade e orgulho.

#### **4. A HISTÓRIA DE VIDA DE NARCISO**

Narciso é um profissional do sexo, com aproximadamente 40 anos de idade, atuante há 20 anos em Porto Alegre. Trabalha com programas sexuais, diz ter sido o primeiro “cafetão”<sup>iii</sup> de homens da cidade e até hoje atende programas de forma individual. Durante sua infância, diz ter sido uma criança “comum”, sem traumas e abusos. Porém, considera que já tinha “a sexualidade aflorada”, pois desde muito cedo soube o que era sexo e manifestava curiosidade e interesse pelos vizinhos, amigos e outras pessoas que frequentavam sua casa. Declara-se bissexual, pois se relaciona sexualmente com pessoas do gênero masculino e feminino (REIS, 2018). A atividade de prostituição é exclusiva com homens?

O prostituto revela uma boa relação com a família, formada por mãe, pai, irmãos e um filho, fruto de um relacionamento com uma amiga, para os quais não esconde a profissão, sendo por eles respeitado. Começou a fazer programas após uma decepção amorosa, quando ficou fragilizado e descrente da possibilidade de um novo relacionamento estável. A pesquisa de Santos (2021) com garotos de programa de luxo

na cidade de São Paulo confirma que o fim de relacionamentos e a possibilidade de ganhos imediatos são gatilhos para o ingresso na prostituição.

Narciso sempre trabalhou em atividades relacionadas ao corpo, além de garoto de programa e proprietário de agência de programas, foi *personal trainer*, massagista e ator de comerciais. Mesmo quando desempenhava estas outras atividades, os programas faziam parte de sua rotina profissional. Durante alguns anos, foi dono de uma agência que organizava os programas de diversos profissionais, homens e mulheres. Ao longo do tempo, a agência foi se consagrando no mercado do sexo de Porto Alegre e se tornando referência de boa qualidade e atendimento, segundo o pesquisado. Afirmar prezar pela boa qualidade de atendimento e que sempre se destacou por isso; em algumas ocasiões, quando os clientes não aprovavam o serviço prestado por seus garotos de programa agenciados e reclamavam insatisfação com o atendimento, Narciso enviava outro profissional ao cliente, ou era ele mesmo quem realizava o programa. Nessas ocasiões, não cobrava pelo atendimento, de forma a garantir o retorno do cliente.

Narciso sempre aconselhou os profissionais que agenciava a continuarem os estudos, pois a prostituição não garante uma fonte de renda segura, nem aposentadoria. A maior parte deles seguia na área da estética e, em algumas ocasiões, ele buscava cursos e bolsas de estudo em escolas, para que os profissionais pudessem terminar o ensino médio, por exemplo. O garoto de programa percebe que boa parte dos trabalhadores sexuais permanecem na profissão por até três anos, o que é confirmado por um estudo com profissionais do sexo em São Paulo (SANTOS, 2021), em que boa parte dos garotos de programa pensam em outras fontes de renda e formação, para que possam deixar o ofício em situações de mudança de seus corpos e eventuais problemas de saúde.

Narciso mencionou alguns episódios de violência, como meio de repressão, geralmente ocorridos quando um dos garotos de programa não se portava de maneira adequada com a organização do trabalho, ou quando algum cliente não era tratado de forma respeitosa. São práticas recriminadas, mas necessárias, segundo o entrevistado, para garantir a autoridade entre os profissionais da agência. A violência está presente na prostituição masculina (PERLONGHER, 1987), e este fenômeno pode ser um dos motivos que fazem do ofício um trabalho sujo (CERQUEIRA; MISOCZKY, 2021; PEREIRA; PAIVA; IRIGARAY, 2021).

A sua agência encerrou as atividades após a criação de um *site* por um de seus ex-funcionários, com agenciamento de forma mais vantajosa para os profissionais, todavia, com qualidade inferior, conforme declara Narciso. Atualmente, ele cobra R\$ 500,00 por programa, podendo ser considerado um garoto de programa de luxo (SANTOS, 2021), segundo ele, no período em que foi proprietário da agência, chegou a lucrar R\$ 30.000,00 por mês. Hoje, diz que, mesmo lucrando próximo de R\$ 10.000,00 mensais, possui muitos gastos com aluguel, anabolizantes, psicotrópicos, tratamentos estéticos, gel lubrificante, academia e limpeza do apartamento. Considera-se um empreendedor, que diferencia o negócio. Mostrou um livro onde mantém anotações sobre o perfil de cada cliente, para orientar-se como deve proceder nos atendimentos: o cliente X não gosta de beijo na boca, o cliente Y prefere sexo oral de determinada maneira, o cliente Z não gosta de cheiro de cigarro. Para ele, estes cuidados garantem um serviço de qualidade e de referência.

Narciso relatou bons e longos relacionamentos com antigos clientes, os quais enviam dinheiro para ajudá-lo com as despesas do dia a dia. Por este auxílio, não é esperado sexo como retorno. Segundo ele, é comum que antigos clientes o ajudem financeiramente, isto se dá em razão da boa prestação de serviço que realizou no passado e pelos laços afetivos que os programas criaram. No trabalho sexual é comum que clientes e ex-clientes deem dinheiro ou presentes aos *boys*, sem esperar algo em troca, reforçando o laço afetivo que é constituído entre profissional e cliente (SANTOS, 2021). Durante o

primeiro encontro da pesquisa, Narciso referiu estar com viagem marcada para a Serra Gaúcha, com o objetivo de lá trabalhar durante alguns dias. Um dos motivos para o deslocamento seria fazer com que os clientes de Porto Alegre sentissem a sua falta, despertando maior interesse da clientela quando de seu retorno. Para ele, esta estratégia comercial ajuda nos negócios e evita o desgaste da imagem.

A maioria dos clientes de Narciso é de homens cisgêneros – indivíduos que se identificam com o sexo/gênero dado ao nascer (VERGUEIRO, 2015) – casados e declaradamente heterossexuais. Entre esses, há atores e diretores de televisão, médicos e empresários conhecidos na sociedade local, além de membros de facções criminosas da região. Quanto aos produtos que oferece aos clientes, Narciso referiu quatro, que divulga em diferentes *sites*, levando em conta os perfis dos clientes e a necessidade de diversificar a clientela: (1) “Narciso”, sendo o garoto de programa ativo no sexo anal, (2) “marimba”, em referência aos seus músculos hipertrofiados, (3) “passivo submisso”, o qual é somente receptor no sexo anal, e (4) *cross-dressing*, prática em que ele e/ou o cliente fazem uso de vestimentas e adereços relacionados ao universo feminino como saias, vestidos, salto alto, entre outros. Santos (2021) também identificou *boys* que utilizam a mesma estratégia de diversificação, para atingir o maior número de clientes. Oferecendo cada produto em ambientes distintos, Narciso também evita que sua masculinidade e virilidade sejam postas sob suspeita, principalmente pela disponibilização do produto “passivo submisso”. O profissional que pratica o sexo anal como receptor tende a ser desvalorizado entre os clientes (SANTOS, 2021).

#### **4.1 Gestão de Risco: Drogas em geral e IST**

O uso de drogas, legais ou não, fazem parte do dia a dia de Narciso, o qual mencionou que há vinte anos faz uso diário de estimulante sexual, Viagra (citrato de sildenafila), além de substâncias psicotrópicas, como cocaína, MDMA (metilenodioximetanfetamina, ecstasy), key (cetamina) e GHB (ácido gama-hidroxibutirato). Além disso, faz uso de anabolizantes, para hipertrofiar os músculos, e semanalmente realiza tratamentos estéticos como manicure, pedicure e bronzeamento artificial, para ficar com a “marca da sunga”, o que desperta fetiches. A busca pelo corpo considerado perfeito faz com que ele tenha que recorrer a substâncias químicas para aumentar os músculos, atitude comum entre os garotos de programa (SANTOS, 2021).

Narciso faz a depilação total de seu corpo, incluindo braços e pernas, apesar de pesquisas apontarem que os pelos nas pernas, nos braços e no rosto são sinais de virilidade e força (FILIAULT; DRUMMOND, 2008). Segundo narrado, a depilação total é uma exigência dos clientes, pois demonstra limpeza e higiene. Conforme Ceccheto (2008), um homem másculo e viril deve ostentar músculos inchados e pelos nos lugares ideais, o rosto não precisa ser bonito, a estrutura física é o que importa. A corpolatria (GOLDENBERG, 2015) estimulada pelos clientes de Narciso cria a necessidade frequente de realização de procedimentos estéticos, da mesma forma que exige que o profissional utilize frequentemente drogas anabolizantes que permitam a acelerada hipertrofia muscular. O uso de estimulantes sexuais se dá pela alta demanda de clientes e pela imposição de sempre estar com o pênis ereto, demonstrando sentir atração e desejo pelos clientes, em que pese, não se sinta sexualmente atraído por muitos destes.

Narciso, quando questionado sobre os cuidados com infecções sexualmente transmissíveis, referiu que os clientes preferem não usar preservativo e, em razão disso, ele faz autoaplicação frequente de duas Benzetacil (benzilpenicilina benzatina), sugerido por um ex-namorado médico, para impedir o contágio de sífilis. Faz também uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), para evitar o contágio ao HIV (Vírus da Imunodeficiência

Humana). As luzes do apartamento de Narciso são todas *neon* pois conforme informou, ajudam a identificar problemas de pele associados ao contágio da sífilis ou outra infecção sexualmente transmissível (IST) e identificáveis na pele.

O azul ele matiza o branco. Bate a luz azul na pele, qualquer escuro que tiver, ela vai gritar. Porque ele fica mais claro, entendeu? Por isso, que tudo aqui é azul, porque eu já faço isso e já vou analisando ali. O interesse pela massagem surgiu por isso. Uma das coisas foi essa, porque eu consigo em uns 30 minutos analisar o corpo do cliente. Enquanto eu ‘tô fazendo a massagem anal ali, eu fico [gesto de cheirando os dedos]’, para ele não ver, para ver se ele já fez a higiene. Essa técnica de trabalho. Ai o cliente quer penetração, você vai fazer penetração. Claro que tem mil coisas ali que você ‘tá correndo o risco, né?’ Eu não aconselho ninguém a fazer isso que eu faço, inclusive hoje é dia de fazer, né? Mas, por exemplo, eu faço duas Benzetacil hoje e duas Benzetacil na próxima semana. Isso é método de profilaxia de outras coisas, né, além da PrEP, porque a PrEP é só HIV. E a Benzetacil é para tudo. Bacteriana, sífilis, gonorreia, mas eu não aconselho a ninguém a fazer isso, porque eu faço com segurança. Vai falar com médico ele vai dizer, “nossa”, mas eu conversei com médicos, amigos íntimos, que são da putaria, eles que me ensinaram (NARCISO).

A experiência de práticas sexuais sem preservativo deixa clara a gestão de risco na carreira Narciso (DE LUIZ, 2011; DE LUIZ; SPINK, 2013). Mesmo tendo conhecimento de boa parte deles, realiza o trabalho conforme desejado pelos clientes e, para minimizar a possibilidade de contágio, estabeleceu práticas que, segundo ele, evitam a transmissão de alguma infecção, como o uso de luzes *neon* para observar com maior precisão os corpos dos clientes, a penetração de somente parte no pênis a fim de evitar o contato com possíveis fissuras anais e o conseqüente sangramento, além de, em certos casos, precisar solicitar aos clientes para que tomem banho e façam a “chuca” (técnica de limpeza da região anal), assim como a ensinar aos que desconhecem a prática. Refere também à utilização continuada de medicamentos para evitar infecções.

Destaca-se que todo este gerenciamento do risco é feito enquanto Narciso executa as preliminares e o ato sexual, ao tirar a roupa do cliente, realizando uma massagem ou tocando determinadas partes do corpo, de modo a fazer uma vistoria. A fronteira ténue entre a sedução, o prazer e o “exame” que pratica em seus clientes realça os modos de realizar o seu trabalho e de zelar por sua saúde. Ao mesmo tempo que explora e satisfaz os desejos sexuais do cliente, ele cria alternativas de gestão dos riscos, que lhe permitem uma certa segurança ou, pelo menos, a sensação de tranquilidade.

Em suma, Narciso realiza a administração de riscos conforme a experiência que adquiriu em programas e por meio de contatos pessoais com médicos e pessoas próximas, com o uso de anabolizantes e estimulantes sexuais. O uso de psicotrópicos, por exemplo, é solicitado pelos clientes para aumentar o desejo sexual e tornar a prática mais ousada. O *barebacking* (sexo anal sem preservativo) também está na gestão de risco de Narciso, que mesmo fazendo o uso da PrEP, para prevenir o HIV, e de aplicar Benzetacil para impedir infecções, assim como iluminar o seu apartamento com luzes *neon* para conhecer os corpos dos clientes, e praticar o sexo anal de maneira menos agressiva, de alguma maneira, demonstra negligenciar outras infecções sexualmente transmissíveis como a herpes genital, tricomoníase, infecção pelo papiloma vírus humano (HPV), hepatites virais B e C, entre outras (BRASIL, 2021).

O uso excessivo de drogas durante as relações sexuais vem se tornando um problema de saúde pública (BRANQUINHO, 2020), o chamado *chemsex*, abreviação de *chemical sex* (sexo químico na língua inglesa), é motivo de grande preocupação das autoridades sanitárias da Inglaterra, por exemplo (LISBOA, 2022). O país europeu

formulou uma política pública a fim de conscientizar a população em geral, mas principalmente os homens que fazem sexo com outros homens, sobre os perigos de conciliar psicotrópicos e sexo, como os riscos à saúde pelos efeitos das drogas, além do fato de algumas substâncias possuírem efeitos que podem durar dias, como a metanfetamina, fazendo com que o usuário esqueça de usar preservativo e/ou a PrEP, ficando mais exposto às IST (infecções sexualmente transmissíveis).

#### 4.2 Trabalho Sujo: intersecções à prostituição

A prostituição é considerada uma ocupação suja (CERQUEIRA; MISOCZKY, 2021). A história de vida de Narciso e a literatura tornam possível entender características que identificam o ofício, com os critérios do trabalho sujo. A moralidade é um fator que histórica e socialmente designa a prostituição como um trabalho sujo (PEREIRA; PAIVA; IRIGARAY, 2021), por exemplo, livros bíblicos ou documentos históricos, sempre associaram a prostituição ao mal, à doença e à desgraça de famílias e sociedades (MEIHY, 2015). Hoje, a mesma moralidade de séculos atrás permanece e, associada a outros fatores, reforça a ideia da atividade suja e desviante.

Pelo relato de Narciso, são observados pontos em sua trajetória que compõem a percepção social do sujo e do desviante: o uso de psicotrópicos, anabolizantes e da prática do *barebacking* (BECKER, 2008; BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). A marginalidade social pela qual os profissionais sexuais são conduzidos é mais um exemplo que indica subalternização da atividade (LHUILIER, 2009). A exposição a infecções sexualmente transmissíveis, do mesmo modo que a violência que circunda a prostituição, mostram-se como sinais que podem classificar o trabalho sexual como um ofício distante do ideal social de trabalho e de carreira respeitável e digna (ADAMS, 2012). Mesmo assim, Narciso entende a prostituição como tendo um papel fundamental na preservação da sociedade, dos casamentos e do bem-estar dos filhos.

Nós somos os termômetros da sociedade. Principalmente as meninas, as prostitutas. Elas têm esse poder de acalmar e segurar famílias. Porque graças a ela o cara não larga a mulher, porque o cara sempre ia largar a mulher pra pegar uma novidade. Alguns até fazem isso. Os que não tem dinheiro. Mas o cara que tem grana, que se mantém porque dali daquela família. Dali vai sair novos dentistas, novos médicos, novos psicólogos, novos terapeutas, porque tem base. Os filhos estudaram bem e vão ser o futuro do nosso país. É importante que essa família se mantenha firme. E aparentemente pelo menos né. Tudo ok! A prostituta que vai fazer isso. Senão vai aparecer amante. Vai destruir aquela família, os filhos vão ficar revoltados porque não estão acostumados a passar por nada na vida, né. Tudo filho de papai. Aí imagina um divórcio. Aí um vai pra droga. Outra fica louca. Pega carência e se atira pro primeiro vagabundo que tem pela frente. Não faz mais a faculdade. Se fode toda, né? Então que é isso, que é algo importante, tanto pessoal quanto social (NARCISO).

Questionado se aceitaria que seu filho fizesse programa, Narciso responde que não, pois é uma vida difícil e arriscada, e que não a desejaria para o filho, que hoje tem 20 anos de idade. Quando o filho completou 18 anos demonstrou interesse em realizar programas para poder comprar uma motocicleta, e o pai recusou dizendo que deveria buscar outra forma de ganhar dinheiro. Ele sabe que não pode proibir o filho, caso fosse uma decisão tomada atualmente, o conselho que deu foi “não faça passivo, primeiro porque dói e segundo porque queima o filme”. Questionado sobre o motivo de “queimar o filme” ao ser o receptor no sexo anal ou oral, Narciso disse que "o cliente ele quer o macho, o cara que dá a bunda não é macho, embora todos os clientes que dão, são casados, são héteros".

O comentário de Narciso reforça o que outras pesquisas apontam (PERLONGHER, 1987; TAYWADITEP, 2001; SWAMI; TOVÉE, 2008; BARRETO; SILVEIRA; GROSSI, 2012; BARRETO, 2014; BARRETO, 2016; BARRETO, 2017b; BARRETO, 2019; HAMANN; PIZZINATO; ROCHA, 2017), ser um homem másculo e viril diz respeito ao modo de performar atitudes comportamentais e sexuais; o sujeito “passivo”, receptor no sexo anal ou oral, é considerado inferior, assim como os homens com comportamentos afeminados, ou seja, considerados femininos. Para ser valorizado e respeitado, o profissional deve se afastar de qualquer sinal que demonstre feminilidade, pois é visto como sinal de fraqueza. Narciso, após tantos anos de prática e por ter cultivado o respeito de clientes fiéis, se sente seguro em seu mercado de atuação pois, mesmo adepto a práticas discriminadas por alguns clientes, sente-se acima de preconceitos, “se eu quisesse plantar bananeira no meio da sala e dançar *la cucaracha*, eles iam bater palmas e dizer que tá bom”.

Através deste relato, observa-se que a ideia de trabalho sujo está presente inclusive no discurso de Narciso, que não deseja o mesmo ofício para o filho, assim como desqualifica os profissionais que realizam o sexo anal, como se fossem uma categoria inferior, dentro de um ofício já considerado socialmente subalterno. Por fim, questionado sobre qual seria o sentido de seu trabalho, respondeu que o trabalho representa poder e autonomia, para ser quem ele deseja. O trabalho permite que ele seja “tudo ao mesmo tempo. Eu sou uma empresa”. A fala de Narciso vai ao encontro do que os garotos de programa de luxo entrevistados por Santos (2021) entendem como o sentido do trabalho na prostituição: liberdade, autonomia e oportunidade de ser e ter o que desejam.

### **4.3 Trabalho e Pandemia**

A pandemia de Covid-19 foi um dos piores momentos vivenciados na carreira de Narciso. Desde março de 2020, o número de clientes reduziu substancialmente, prejudicando seus projetos e planos, assim como o obrigou a se desfazer de alguns bens, como roupas e relógios, para atender às necessidades básicas. Apesar de relatar receber valores mensais consideráveis, Narciso parece não ter acumulado recursos para garantir o seu sustento, por algum período afastado do comércio sexual, situação semelhante a de outros profissionais do sexo que não realizam um planejamento e controle financeiro (VIANA, 2010; BARRETO, 2017B; SANTOS, 2021).

Conforme Dias (2021), desde o início da pandemia de Covid-19, os garotos de programa estão sofrendo com a diminuição do número de clientes, em razão das medidas restritivas de isolamento, que acabam obrigando as pessoas a permanecerem em casa durante o teletrabalho, e impossibilitando saídas durante o horário de almoço, prática habitual principalmente entre homens casados. Igualmente, com a crise econômica e o desemprego houve restrições quanto aos gastos com serviços sexuais.

Antes da pandemia de Covid-19, Narciso estudava inglês, para passar uma temporada em Amsterdam (Holanda), contudo, com o início do surto na Europa, o fechamento de estabelecimentos e o impedimento de acesso de imigrantes aos aeroportos, viu-se impedido de realizar a viagem, o que causou muito descontentamento e frustração.

Durante a pandemia, Narciso também precisou ajudar antigos profissionais que trabalhavam em sua agência; de acordo com os seus relatos, sentia-se obrigado a ajudá-los, em razão dos compromissos assumidos no passado e pela consideração aos profissionais. Isto foi mais um agravante à sua situação financeira.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou entender como é desenvolvido o gerenciamento da prostituição masculina. A partir da história de vida de Narciso, compreendeu-se muitos dos aspectos de concepção e construção da profissão. A necessidade de corpos musculosos, de atitudes másculas e virilidade são componentes básicos para tornar-se um garoto de programa reconhecido e valorizado no mercado do sexo. A manipulação de anabolizantes, psicotrópicos e medicamentos também estão presentes na constituição do profissional ideal. A gestão de risco exercida pelo sujeito desta pesquisa evidenciou consequências dos percursos necessários ao exercício da profissão do sexo, como a automedicação, o uso frequente de estimulantes sexuais e a exposição à violência.

A aproximação do conceito de trabalho sujo, bem como sua respectiva definição aqui apresentada, auxiliou no entendimento do ofício. Moralmente, a profissão foi sempre condenada, desde o início da história humana, inclusive por livros influentes e permanentes como a bíblia. A exposição a infecções sexualmente transmissíveis a partir da prática do *barebacking* é fator que alude ao pensamento social de ocupação abjeta, marginalizada e repugnante, sendo esse profissional visto como uma possível via de transmissão e contaminação.

A prostituição está presente em todas as classes sociais, gera renda a milhões de pessoas no mundo, além de satisfazer os prazeres e desejos de um número inestimável de indivíduos. Conhecer o trabalho sexual é importante para o desenvolvimento de políticas públicas sexuais, de saúde, bem-estar, segurança e emprego, para dar visibilidade aos profissionais e suas necessidades. Esses dados servem aos pesquisadores, formuladores de políticas públicas e à sociedade de modo geral. O estudo tem as limitações da abordagem exploratória, inicial e carente de maior aprofundamento. Como sugestão de pesquisas futuras, indica-se a elaboração de estudos que analisem a gestão de risco de trabalhadoras do sexo, tal como outras que acompanhem a implementação, monitoramento e avaliação de políticas públicas que protejam e deem segurança aos trabalhadores sexuais de modo geral.

Por fim, destaca-se o uso do método de história de vida como uma abordagem fundamental para conhecer a realidade de trabalhadores invisíveis aos olhos do Estado e da sociedade como um todo. O método possibilitou a compreensão do tempo presente do sujeito pesquisado, através da sua história, assim como as vivências e experiências o levaram à prostituição e a conviver com os riscos de seu ofício.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. Cleaning up the dirty work: Professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries. **Deviant Behavior**, 33(3), 149-167, 2012.
- ALBORNOZ, S. G. **O que é trabalho**. 10r. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1, p. 103, 2014
- ALVESSON, M.; SANDBERG, J. **Constructing Research Questions Doing Interesting Research**. 1 ed. London: SAGE, p. 141, 2013.
- ANDRADE, A. G.; NUNES, E. L. G. Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/ AIDS em Santo André, Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n.1, p. 45-54, 2009.
- ARAÚJO, L. B.; BANDEIRA, M. C. L.; SILVA, T. L. C. V. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. **Revista Pegada**, v. 16, n. 2, p. 364 - 377, 2015.
- BAPTISTA, D. M. T. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de

pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, p. 212-231, 1999.

BARRETO, D. R. D. **Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo**. 2014. Dissertação [Mestrado] - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

BARRETO, L. C.; SILVEIRA, C.; GROSSI, M. P. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, n. 2, p. 511 – 534, 2012.

BARRETO, V. H. S. **Festas de orgias para homens – territórios de intensidade e sociabilidade masculina**. Salvador: Editora Devires, 2016.

\_\_\_\_\_. Risco, prazer e cuidado: técnicas de si nos limites da sexualidade. *Avá. Revista de Antropología*, n. 31, p. 119-142, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca**. Niterói: Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017b.

\_\_\_\_\_. Limites, fissuras, prazer e risco em festas de orgia para homens. *Mana*. 2019, v. 25, n. 1, p. 9-37, 2019.

BARROS, V.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Eloisio Moulin de Souza. (Org.). **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. 1ed. Vitória: EDUFES, v. 1, p. 41-63, 2014.

BAYDOUN, M. **“Não sou nem curto afeminados”**: Reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. I ed. Salvador: Editora Devires, v I. p. 154, 2020.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENDASSOLLI, P. F.; FALCÃO, J. R. Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. **Universitas Psychologica**, 12(4), 1153-1166, 2013.

BRANQUINHO, B. **O que é o chemsex e por que está se tornando um problema para os homens gays e bis?**. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/o-que-e-o-chemsex-e-por-que-esta-se-tornando-um-problema-para-os-homens-gays-e-bis/>> Acesso em 25 de jun. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3g629Yz>> Acesso em 29 de jan. de 2022.

BRITO, O. **Controladoria de risco – Retorno em instituições financeiras**. Saraiva, 2003.

CARRIERI, A. de P.; LOPES, F. T. “O avô constrói, o pai usa e o neto morre de fome”: histórias de família em uma organização. **REGE**, v. 19, n. 1, p. 3-20, 2012.

CECCHETO, F. R. **Violência e estilo de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2008.

CERQUEIRA, F. V. Sobre efeminação e virilidade, a Grécia vista do pampa. **Métis (UCS)**, v. 10, p. 81-109, 2012.

CERQUEIRA, P. R.; MISOCZKY, M. C. O tema da prostituição em publicações relacionadas com os estudos organizacionais. **READ. Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 27, n. 01, p. 66-92, 2021.

COETZEE, P.; LUBBE, D. Internal audit and risk management in South Africa: adherence to guidance. **Acta Academica**, 43(4), 29-60, 2011.

COLETTI, L. H. **Sobre gostos e afeminados**. 2014. Disponível em: <<https://www.revistaovies.com/2014/02/10/sobre-gostos-e-afeminacoes/>> Acesso em 03 de jan. de 2022.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidades hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21, v. 1, p. 241-282, 2013.

CORRÊA, M. E. C. **Duas mães?** Mulheres lésbicas e maternidade. 2012. Tese [Doutorado] - Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DA MATTA, R. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens**. São Paulo: Senac, p.31-49, 1997.

DEJOURS, C. Uma Nova Visão do Sofrimento Humano nas Organizações. In: CHANLAT, Jean-François (org). **O Indivíduo na Organização: Dimensões Esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996.

DE LUIZ, G. M. **A gestão dos riscos no cenário da aids: um estudo sobre as estratégias adotadas por homens que fazem sexo com homens em parceria casual**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2011.

DE LUIZ, G. M.; SPINK, M. J. La gestión de riesgos en el ámbito del sida: estrategias adoptadas por hombres que tienen sexo con hombres en relaciones informales. **Athenea Digital**, v. 13, p. 39-56, 2013.

DÍAS, T. **'Vida de boy ': o corre dos garotos de programa no centro de São Paulo**. 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/01/27/vida-de-boy-o-corre-dos-garotos-de-programa-no-centro-de-sao-paulo.htm>> Acesso em 23 de jan. de 2022.

ECCEL, C.; ALCADIPANI, R. (Re) Descobrimos as Masculinidades. In: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade Sexual e Trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, p. 51-78, 2012.

ECCEL, C. S.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração** (UFF), v. 9, p. 01-15, 2015.

FILIAULT, S. M.; DRUMMOND, M. J. N. Athletes and body image: interviews with gay sportsmen. **Qualitative Research in Psychology**, v. 5, s/n, p. 311-333, 2008.

FRUGOLI, R. Academia de ginástica: contemporaneidade, expressões corporais e sentido. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 7, 2004, Coimbra. **Anais eletrônicos**, p. 1-17, 2007.

GAULEJAC, V. de. **A Neurose de Classe - Trajetória Social e Conflitos de Identidade**. História e Historicidade. 2016.

GERNET, I., e DEJOURS, C. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In P. F., BENDASSOLLI e L. A. SOBOLL (Orgs.), **Clínicas do trabalho** (p. 61-70). São Paulo: Atlas, 2011.

GLAT, R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir; 1989.

GODOY, A. S. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da história de vida na pesquisa em administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, 19(1), p. 161-175, 2018.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, M (org.). **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 39-53, 2015.

GRAMSCI, A. **Selection From Prison notebooks**. London, UK: New Left, 1971.

GRANATO, L.; LOPES, F. T.; COSTA, A. de S. M. da. História e investigação social qualitativa: reflexiones en torno de la historia comparada y la historia de vida. **Revista Organizações & Sociedade**, 27(94), p. 508-531, 2020.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HAMANN, C.; PIZZINATO, A.; ROCHA, K. B. Dinâmicas de gênero e sexualidade no sexo tarifado entre homens: uma análise por meio da noção de comunidades de prática. **Temas em Psicologia**, v. 25, p. 1007-1024, 2017.

HILL, S.; DINSDALE, G. **Uma base para o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem para a gestão de riscos no serviço público**. Tradução L. C. Vasconcelos. Escola Nacional de Administração Pública, 2003.

HUGHES, E. C. **Men And Their Work**. Glencoe, Illinois: Free Press, 1958.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEITE, G. S.; MURRAY, L.; LENZ, F. O par e o ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/Aids em contextos de prostituição. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, p. 7-25, 2015.

LHUILIER, D. Travail, management et santé psychique. **Connexions**, 91, 85-101, 2009.

MACHADO, L. Z. Masculinidade, Sexualidade e Estupro. **Cadernos PAGU**, São Paulo, p. 231-273, 1998.

LISBOA, D. **'R\$ 500 a mais': garotos de programa se drogam para agradar clientes ricos**. 2022. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/15/r-500-a-mais-garotos-de-programa-se-drogam-para-agradar-clientes-ricos.htm>> Acesso em 25 de jun. de 2022.

MAGESTE, G. S.; LOPES, F. T. O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais. In: **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, 2007, Recife. EnEPQ 2007, 2007.

MEIHY, J. C. S. B. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 250, 2015.

MONTEIRO, D. F. B.; PEREIRA, V. F.; OLIVEIRA, L. L. de; LIMA, O. P.; CARRIERI, A. de P. O Trabalho Sujo com a Morte, o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro. **Revista Interdisciplinar De Gestão Social**, 6(1), 2017.

MOREIRA, S. A.; FRANÇA JUNIOR, I.; JACOB, M.; CABRAL, A.; MARTIRANI, A. L. Percepção de risco como estratégia de convívio comensal com jovens órfãos pelo HIV/AIDS em São Paulo, SP, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 64, p.141-152, 2018.

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P.; BARROS, D. F. "There's a lot of woman in him": the feminine as a deviance from the norm. **Organizações & Sociedade**, v. 27, p. 620-643, 2020.

NONATO, M. N. **Vivências Afeminadas: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes**. I. ed. Salvador: Editora Devires, v. I. p. 150, 2020.

PEREIRA, J. R.; PAIVA, K. C. M. de; IRIGARAY, H. A. R. "Trabalho sujo", significado, sentido e identidade: proposição de análise integrada e perspectivas de pesquisas. **Cadernos EBAPE.BR**, 19(4), 829–841, 2021.

PEREIRA, J. R.; SANTOS, J. V. P. dos; SILVA, A. G. C. da; PAIVA, K. C. M. de; CARRIERI, A. de P. Entre o sagrado e o profano: identidades, paradoxos e ambivalências de prostitutas evangélicas do baixo meretrício de Belo Horizonte. **Cadernos EBAPE.BR**, 18(2), 391–405, 2020.

PERLONGHER, N. **O negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SANTOS, R. C. S. **Segredos de corpos nus**: Masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. I ed. Salvador: Editora Devires, v. I. p. 240, 2021.

SANTOS, R. S.; GLAT, R. **Ser mãe de uma criança especial**: do sonho à realidade. Rio de Janeiro: Anna Nery / UFRJ; 1999.

SARAIVA, K. Educando para viver sem riscos. **Educação**, v.36, n. 2, p. 168-179, 2013.

SPINK, M. J. P. Viver em áreas de risco: tensões entre gestão de desastres ambientais e os sentidos de risco no cotidiano. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, p. 3743-3754, 2014.

SWAMI, V.; TOVÉE, J. M. The muscular male: A comparison of the physical attractiveness preferences of gay and heterosexual men. **International Journal of Men's Health**, v. 7, n. 1, p. 59-71, 2008.

TAYWADITEP, K. J. Marginalization among the marginalized: Gay men's anti effeminacy attitudes. **Journal of Homosexuality**, v. 42. n.1, p. 1-28, 2001.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERGUEIRO, V. **A cisgeneridade. In: Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 43-71, 2015. Disponível em <<https://goo.gl/16C2G6>>.

VIEGAS, S. **Trabalho e vida**. Belo Horizonte. Palestra proferida na Conferência para os profissionais do centro de reabilitação profissional do INSS, em Belo Horizonte, em 12 jul. 1989.

---

<sup>i</sup> Nesta pesquisa, expressões como prostitutas, *boys*, profissionais do sexo e trabalhadores sexuais serão utilizadas para se referir aos garotos de programa.

<sup>ii</sup> O proxeneta, ou como é vulgarmente conhecido por "cafetão", é a pessoa que administra a clientela para garotas(os) de programa, recebendo parte dos rendimentos do programa pelo agenciamento.